

OBRAS LITERÁRIAS COMO FONTE DE APRENDIZADO DA REALIDADE SÓCIO-CULTURAL DE UMA ÉPOCA

LITERARY WORKS AS A LEARNING SOURCE OF SOCIAL-CULTURAL REALITY OF A TIME

Clodoaldo ADAMCZUK¹

Recebido em 04 de outubro 2019; Aceito em 14 de novembro 2019; Disponível *on line* em 20 de novembro 2019

Resumo: O texto literário promove um encontro especial com a leitura, através da relação com a literatura o aluno descobre as múltiplas faces da linguagem entrando em contato com diferentes aspectos da Língua Portuguesa. O objetivo deste trabalho é demonstrar que os discentes, através da literatura, são capazes de desenvolverem uma opinião crítica da realidade, enriquecendo seus conhecimentos. Através de pesquisas bibliográficas e observações de materiais selecionados, somado ao uso do método qualitativo, obtiveram-se informações necessárias para subsidiar a construção deste artigo. Todos os dados desta pesquisa comprovaram os benefícios adquiridos quanto ao estudo de obras literárias, ou seja, é possível sim que os alunos percebam num enredo a injustiça social, miséria, fome, sede, desigualdade, realidade social, histórica, política e econômica, e os compare com os fatos ocorridos atualmente. Partindo desse ponto, o aluno estará desenvolvendo seu aprendizado e obtendo conhecimentos necessários para tornar-se um cidadão crítico, além de estar adquirindo um maior domínio quanto à interpretação, à leitura, à escrita e à norma culta.

Palavras-chave: Literatura; Leitura; Aprendizagem.

Abstract: The literary text promotes a special encounter with reading, through the relationship with the literature the student discovers the multiple faces of language coming into contact with different aspects of the Portuguese language. The aim of this paper is to demonstrate that students through literature are able to develop a critical opinion of reality, enriching their knowledge. Through bibliographical research and observations of selected materials, added to the use of the qualitative method, we obtained the necessary information to support the construction of this article. All the data of this research proved the benefits acquired in the study of literary works, that is, it is possible that the students perceive in a plot the social injustice, misery, hunger, thirst, inequality, social, historical, political and economic reality, and compare them with the facts currently occurring. From this point on, students will be developing their learning and gaining the necessary knowledge to become a critical citizen, as well as gaining greater mastery over interpretation, reading, writing and the educated norm. Keywords: Literature; Reading; Learning.

Keywords: Literature; Reading; Learning.

¹ Mestrando em Educação pela UDE (Universidad de la Empresa) de Montevideo - Uruguai, licenciado em Letras pela Faculdade de Alta Floresta - MT (FAF), especialista em: Didática do Ensino Superior pela Faculdade de Alta Floresta - MT(FAF), Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdades do Vale do Juruena (AJES) e em Políticas Sociais de Enfrentamento a Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes pelo Instituto Varzeagrandense de Ensino. Funcionário Público. Professor universitário na Faculdade de Alta Floresta (FAF), na Faculdade de Direito de Alta Floresta (FADAF), na Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT) e professor no Colégio Alta Floresta. E-mail: <clodoaldo2012@gmail.com>.

1 INTRODUÇÃO

A literatura amplia e pluraliza as visões e interpretações da sociedade, do mundo e a vida do homem (ZINANI; SANTOS 2002). É necessário observar esta questão, pois a falta da leitura acaba de certa forma excluindo o homem de tudo que acontece no mundo, da interpretação, da imaginação e da ficção arquitetada. Zinani e Santos (2002) destacam que a literatura é importante para o desenvolvimento e a compreensão da realidade do homem inserido em sociedade. Logo, deduz-se que: crônicas, fábulas, romances, contos, poemas, histórias infantis ou infanto-juvenis, jornais e/ou gibis, possibilitam o homem ingressar no mundo da fantasia, associar-se com sua realidade comparada àquelas encontradas em diversas obras literárias.

Diante disto, busca-se apresentar os benefícios ao trabalharem em sala de aula com obras literárias focadas na realidade social de uma época. O professor ao desenvolver este tema em sala, conforme reforçado por Coutinho (2008, p.31): “Possibilitará aos alunos a capacidade de formar opiniões críticas, análises e debates da realidade social a partir do conteúdo de obras literárias, assim como estimulará o enriquecimento do vocabulário do mesmo ajudando-os no raciocínio e na interpretação”. Por isso, pretende-se despertar o professor para que explore os textos literários, e que os alunos apreendam e identifiquem temas diversos como: injustiça social, miséria, fome, sede, desigualdade, realidade social, histórica, política e econômica, descritas nas obras literárias, reforçando a importância da leitura para o enriquecimento do vocabulário do aluno, a fim dele obter conhecimento e dinamizar o raciocínio e a interpretação.

O procedimento metodológico adotado nesta pesquisa foi o bibliográfico com revisão de literatura em artigos, livros, periódicos entre outros que apresentaram informações necessárias para a discussão do tema, tendo como abordagem de estudo a pesquisa qualitativa.

2 OBRAS LITERÁRIAS COMO FONTE DE APRENDIZADO

A literatura é a transfiguração do real, ou seja, a realidade recriada pelo artista da maneira como sente e vê o mundo a sua volta. Diversas são

as definições para o termo “literatura”, mas aqui é conceituada da seguinte forma: Literatura é arte, mimese. É a arte da palavra, a expressão mais profunda e oculta do artista, é a arte de compor, seja em verso ou prosa (ARISTÓTELES, 1959).

As obras literárias ajudam o homem a entender os fatores que a Sociedade vive, por meio da interpretação e das palavras de uma obra literária, pode-se então, analisar algumas das emoções que o autor sentiu ao escrever a sua obra, não somente entender aspirações e emoções como também compreender melhor diversos fatores que estão implícitos na sociedade, pois “dizer que ela (a Literatura) exprime a sociedade, constitui hoje verdadeiro altruísmo” (CANDIDO, 1973, p. 19).

A Literatura é um dos mais ricos produtos da cultura de uma sociedade. Brecht (1990) afirmava que:

Uma criação de natureza literária, seja no terreno da dramaturgia, do romance, da poesia, da canção popular, expressa sempre uma determinada visão de mundo, racionalizada, fantasiosa ou intuída que têm como substrato nossa existência, individual e conjunta, histórias de vidas coletivas, particulares e singulares. De um ponto de vista mais ou menos social e político, a literatura é uma expressão estética das relações que estabelecemos entre nós e com o nosso entorno para formar isso que chamamos de sociedade ou cultura. (BRECHT, 1990, p. 129).

Ao escrever uma obra literária, o escritor cria um mundo ficcional, uma realidade por vezes tão estranha que não parece ser verdadeira; por mais que seja “diferente”, é pura para ele. Por meio de suas palavras, transmite ao leitor todos os sentimentos ocultos e escondidos dentro de si. Não se pode de forma alguma dizer que essa verdade seja apenas ilusão, pois toda sua obra é transcrita de forma real. Enfim, com as palavras, o artista recria uma vida de uma maneira tão forte, que se torna real (BRECHT, 1990).

É também na sua obra que o escritor apresenta toda uma realidade social analisada através de sua visão de mundo e é nela também que demonstra toda a cultura de uma época (CANDIDO 1972). Diante disso, é preciso ter em mente que um escritor tem sempre por base a sua vivência social e que, mesmo quando escreve um enredo que se passa em um futuro, faz isso segundo as concepções adquiridas em sua atualidade, conforme apontado por Candido

(1972).

A partir deste princípio o crítico e sociólogo Antonio Candido (1972) constrói o seu conceito de literatura:

A arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade (CANDIDO, 1972, p. 53).

A literatura brasileira tem seu início um desdobramento da literatura em língua portuguesa. Ela se desenvolveu a partir da atividade literária incentivada pelos jesuítas após descobrirem o Brasil durante o século XVI. Sartre (2004) em seus estudos ressalta-se, que a primeira obra considerada da Literatura do Brasil é a carta de Pero Vaz de Caminha, que descreve o Brasil em 1.500 endereçada ao Rei D. Manuel I (CEREJA, 2005).

É comum encontrar nas personagens de obras literárias consagradas enorme semelhança com pessoas e situações do dia a dia (CANDIDO, 1972). Isso ocorre porque o Autor procura despertar o leitor para que entenda o meio social inserido da maneira que ele vê à sua volta, usando os meios possíveis para persuadi-lo. Para compreender de fato esse meio, não basta somente ler, é necessário desenvolver um olhar crítico e atencioso atendendo-se nas entrelinhas e nas figuras de linguagem o que o autor quer retransmitir através de sua obra (COUTINHO 2008).

Observam-se no transcorrer da história literária diversos escritores que criaram personagens em suas obras para demonstrar uma preocupação com o presente e futuro e, ainda, uma preocupação em denunciar a realidade social da época em que viviam. Confirma-se isto no fragmento de Octavio Paz: “Uma literatura nasce sempre frente a uma realidade histórica e, com frequência, contra essa realidade.” (PAZ, 2007 p. 23).

Para exemplificar melhor a relação entre literatura e realidade social, cita-se “O Cortiço” (1890) de Aluísio Azevedo. Nela o Autor retrata os problemas sociais de sua época. Em “O Cortiço”, as dificuldades vividas pelas personagens fictícias ainda estão presentes nos

dias atuais, tais como: a informalidade nas relações de trabalho, o pessoalismo nas relações cotidianas, a violência que faz o seu papel em localidades onde o estado se ausenta, dentre outros.

Aluísio de Azevedo descreve uma sociedade da época, que na verdade não está longe da realidade de hoje. São pessoas querendo poder e dinheiro, pensando em si, enquanto milhões vivem marginalizadas em favelas e ruas, exemplo disso é a personagem João Romão: um homem ambicioso, suas ações tem único motivo: ascender socialmente. Ele “passa em cima” de qualquer pessoa para conseguir seu objetivo e não hesita em desprezar e humilhar quando já não precisa mais delas; não demonstra nenhum amor ou respeito por ninguém, pois na sua visão todos a sua volta são instrumentos para a sua própria ascensão.

Assim, vê-se que João Romão representa diversas pessoas que praticam ações semelhantes a ele, o que pode ser verificado no fragmento da página 3:

Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora de horas, junto com a amiga, furtavam à pedreira do fundo, da mesma forma que subtraíam o material das casas em obra que havia por ali perto. (AZEVEDO, 1890, p. 3).

Falar de realidade social e não citar a obra de Graciliano Ramos, “Vidas Secas” (1938), é um erro. O escritor mostra de forma clara o Brasil da sua época, que se reflete nos dias atuais, como: injustiça social, miséria, fome, desigualdade e seca. Um dos aspectos que mais impressionam na obra é o seu tema sempre atual. O romance, escrito entre 1937 e 1938, focaliza o problema da seca no sertão e as situações de vida miseráveis do brasileiro. Condições essas que não mudam, pois continuam presentes na atualidade. O que remete à ideia de que o homem se animalizou sob condições sub-humanas de sobrevivência.

Em Vidas Secas, Fabiano, sai forçado pelo latifúndio, fome e miséria. Migra como alternativa à morte, como os outros tantos severinos que se deslocam acompanhando o próprio enterro. Desloca-se para encontrar um pouco de sentido em outro lugar em que possa deitar suas raízes. Graciliano retrata fielmente em sua obra a vida nordestina de sua época que se

ainda não se alterou. Comprova-se isso no fragmento do Capítulo 1:

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito; Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente cobria-se de cirros – e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano. Pensou na família, sentiu fome. (RAMOS, 1997, p. 14).

Existem ainda músicas imortalizadas como obras literárias, pois recriam toda a vivência atual como um bom livro, algumas parecem saltando de um deles devido à verossimilhança que os autores conseguem alcançar em suas letras. Isso faz com que o leitor se sinta expectador da ação, passando a viver a música cantada, assim como nos livros. Em várias também se encontram denúncias da realidade social retratada pelo compositor. Exemplo disso é a música “A Banda” de Chico Buarque:

A Banda

*Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou
A namorada que contava as estrelas parou
Para ver, ouvir e dar passagem
A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu
E a meninada toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor*

*O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Que ainda era moço pra sair no terraço e
dançou*

*A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela
A marcha alegre se espalhou na avenida e
insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar cantando coisas de amor
Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou
E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor*

A letra da música demonstra de forma clara a situação de vida da sociedade da sua época, falando da falta de esperança das pessoas daquela sociedade. Na canção, Buarque mostra uma antítese entre a esperança e desesperança. Toda descrição feita pelo Autor na sua música, é um exemplo forte de como é possível, com uso da literatura, descrever os fatos ocorridos no meio em que se vive, denunciando de forma clara e objetiva os acontecimentos ocorridos na sociedade. As idealizações expressas pela literatura, sempre têm a sua base na realidade, nunca são totalmente pura (COUTINHO 2008). Por meio do contato com o mundo real o Autor pratica sua outra função: a função formadora, ou seja, contribui para o desenvolvimento cognitivo do aluno, lhe proporcionando um conhecimento novo e, por muitas vezes além daquilo que imaginara. (COUTINHO 2008).

Percebe-se que a obra de Buarque reforça o que se discute neste trabalho, e é evidente a compreensão da realidade evidenciada na canção, o que contribui para a aprendizagem de uma época, as afirmações de Candido (1972) de que as concepções adquiridas em sua atualidade refletem no enredo é notório na música, sendo assim uma fonte de aprendizagem de um momento distante evidenciado no presente.

A literatura auxilia na educação, pois exprime o meio retratado, tornando assim, uma

fonte importante que auxiliará no aprendizado do homem, conforme explica Candido (1971):

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] . Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...] . É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear lhe. (CANDIDO, 1971, p. 805).

Obviamente, em se tratando de literatura brasileira, pode-se pensar em outros autores, obras, músicas e temas que suscitam bons debates e também pesquisas sobre essa ótica como instrumento de mediação do pensamento sobre a realidade social tal como Gonçalves Dias, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Cecília Meirelles, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Machado de Assis, José de Alencar entre outros. Nesse sentido, é possível escolher diversos assuntos para Literatura e Realidade Social – páginas para pensar e serem confrontadas, analisadas e problematizadas a partir do conteúdo de obras literárias nacionais.

Hoje em dia não é diferente, há grandes obras brasileiras na mesma situação encontrada nos textos citados anteriormente. Estes recriam e denunciam-na em suas obras. Espera-se que o leitor leia e entenda tudo aquilo que o artista quer transmitir, para que haja uma real vontade em compreender a sua época e, de certa forma, contribuir para a evolução da sociedade do meio onde vive. Magalhães (2005) aponta que:

A literatura vem sendo usada como pretexto para o ensino da gramática e, por isso, sua relação com a vida tem se perdido, fato que tem levado ao abandono da reflexão sobre a realidade em detrimento da expressão da forma lingüística. Além disso, ela alerta ainda para a prisão que se tem estabelecido na relação com os estilos de épocas literárias, uma vez que aos alunos têm sido ensinadas apenas as características de cada uma, o que reduz o texto literário a uma ilustração dessas classificações.

(MAGALHÃES, 2005, p. 12).

Nesta mesma linha Almeida (2007) afirma:

Até aqui, vimos que a literatura pode ser utilizada como base para pensar e problematizar a realidade social ou pode ser ela em si o problema a ser estudado. No primeiro caso ela pode servir, em conjunto com outras fontes, como referencial para quem desenvolve uma pesquisa acerca de um dado tempo e espaço. (ALMEIDA, 2007, p. 6).

É possível utilizar um livro como *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos (1901-1935) como fonte de apoio para uma pesquisa sobre injustiça social, miséria, fome, desigualdade e seca. Por outro lado, a mesma obra pode não ser uma fonte, mas o próprio objeto da pesquisa. Almeida (2007) ainda diz:

Nesse caso, as formas de abordar o objeto são também diversas: pode-se estudar a trajetória intelectual do autor até o momento de concepção da obra, pode-se tomar o movimento literário do momento como chave do processo que permitiu a criação da obra, ou mesmo a recepção que o público e que outros intelectuais tiveram da obra e, em último caso, e bastante fôlego, lançar mão de todas as propostas para empreender uma pesquisa amplíssima. (ALMEIDA, 2007, p. 6).

À medida que o aluno estuda com um olhar crítico, prestando atenção às mensagens que cada obra transmite, estará enriquecendo o seu conhecimento, criando para si, um potencial para desenvolver opiniões críticas, análises e debates. Espera-se que o mesmo não só perceba, aprenda e enriqueça seu conhecimento, mas também que se torne um cidadão crítico e capaz de criar obras que expressem opiniões de forma conotativa ou denotativa.

Candido (2002) corrobora com este pensamento, para ele sendo a literatura uma realidade pautada no olhar do outro, pode proporcionar diferentes interpretações que contribuem para o desenvolvimento cognitivo dos discentes, o escritor ainda retrata em sua obra que faz tudo isto pautado naquilo que adquiriu, para o Autor, as palavras tem o poder que refugia o homem na subjetividade.

É fundamental que o aluno perceba que um escritor tem sempre por base o meio social e que o mesmo, quando escreve um enredo que passa em

um mundo futuro, faz isso conforme as concepções adquiridas em sua atualidade. Seguindo este ponto de vista Almeida (2007) aponta:

Assim, diferente do que normalmente afirma o senso comum, a literatura não é 'espelho' da realidade: um espelho sempre reflete a imagem real de forma invertida e não é isto que faz a literatura. A arte literária é produto do social, pois vem da imaginação de um ser social e tem, portanto, bases nas tensões da vida coletiva. (ALMEIDA, 2007, p. 3).

Partindo deste sentido, Alves (2008, p. 71) afirma: “Para haver uma compreensão total dos textos é necessário que o aluno tenha uma visão interdisciplinar, isso exige mais que a decodificação de sinais,” ou seja, a leitura é vista como um todo, conforme é afirmado por Chiappini (2005, p. 12). Chiappini (2005, p. 12) aponta que “nessa relação, são de fundamental importância os objetivos do leitor, porque eles é que vão determinar a busca pelo aprofundamento em determinados conteúdos e métodos”, então, a escola tem o papel não só de ampliar o número de leitores, mas de oferecer diversos materiais e ritmos para lerem.

Diante disto, é importante que o aluno tenha o contato com os textos que existem para que possa ampliar seu conhecimento, além de compreender os diferentes tipos existentes na língua portuguesa. Alves (2008, p. 72) opina que “a leitura surge na escola como uma oportunidade de colocar o aluno em confronto com o outro, propondo-lhe o desafio de enxergar a pluralidade cultural como forma de levá-lo a ser capaz de exercer a sua cidadania plenamente”. Logo, é preciso aumentar a leitura dos educandos, a fim de lhes oferecerem uma variedade de gêneros textuais. Segundo o Ministério da Educação - MEC e outros órgãos ligados a Educação, a leitura:

Desenvolve o repertório: ler é um ato valioso para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. É uma forma de ter acesso às informações e, com elas, buscar melhorias para você e para o mundo. Liga o senso crítico na tomada: livros, inclusive os romances, nos ajudam a entender o mundo e nós mesmos. Amplia o nosso conhecimento geral: além de ser envolvente, a leitura expande nossas referências e nossa capacidade de comunicação. Aumenta o

vocabulário: graças aos livros, descobrimos novas palavras e novos usos para as que já conhecemos. Estimula a criatividade: ler é fundamental para soltar a imaginação. Por meio dos livros, criamos lugares, personagens, histórias. Emociona e causa impacto: quem já se sentiu triste (ou feliz) ao fim de um romance sabe o poder que um bom livro tem. Muda sua vida: quem lê desde cedo está muito mais preparado para os estudos, para o trabalho e para a vida. Facilita à escrita: ler é um hábito que se reflete no domínio da escrita. Ou seja, quem lê mais escreve melhor. (BRASIL, 2006, p. 8).

Diante disto pode-se inferir que o aluno conseguirá se perceber como homem pensante e crítico, com capacidade de entender não só a si mesmo como também ao próximo e, logo, estará pronto a intervir, tendo como finalidade de alterá-la para melhor. Os diferentes tipos de gêneros textuais ganham autonomia em sala, ou seja, é um espaço próprio e livre para dialogar diferentes assuntos, além disso o aluno terá mais opções de textos, e isto acarretará no mesmo diversas interpretações de assuntos fornecendo diferentes interpretações de mundo.

Cereja (2005) defende que a literatura contribui de fato para uma formação focada na realidade, ou seja, enquanto a obra mostra ao aluno uma visão do meio inserido está pode ser colacionada ou não a sua. Com a leitura de textos literários o aluno não só perceberá o meio social de uma época como também estará desenvolvendo o hábito de ler, uma vez que a leitura é algo fundamental para a aprendizagem do homem, já que é e por meio dela que enriquece e amplia o vocabulário, adquire, dinamiza a interpretação e o raciocínio. (COUTINHO 2008).

É necessário compreender que o aluno é um sujeito protagonista da sua história, tornando-se de certa forma, responsável também pela construção do seu conhecimento, isso não implica em deixá-lo sozinho neste processo, mas, orientar, mediar e discutir a aquisição da aprendizagem, estimulando-o a busca de informações que possam contribuir para a aquisição de conhecimento. Ao estimular a leitura de obras literárias é fundamental que o professor assuma um papel de mediador entre o aluno e o aprendizado, logo:

[...] o educador é aquele que, tendo adquirido o nível de cultura necessário para o desempenho de sua atividade, dá direção ao ensino e aprendizagem. Ele assume o papel de mediador

entre a cultura elaborada, acumulada e em processo de acumulação da humanidade. (LUCKESI, 1993 p. 115.)

O professor contribui para que o discente desenvolva uma visão crítica da realidade do qual está inserido ao dar estímulos para a leitura ao refletir o presente comparado com o passado e aquilo descrito em diversos textos, a discussão destes com debates entre todos possibilitará para a transformação do aluno em sujeito ativo da sua história e do seu conhecimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra literária é resultado social. O homem, como ser histórico, tem necessidades, anseios e valores que se modificam a todo o momento, estas retratam seu modo de ver a vida e de estar no mundo. É a literatura que reflete as relações do ser humano com o mundo e com as outras pessoas. E, à medida que o tempo passa e causa a transformação no homem, a literatura acompanha essa mudança, pois, é sensível as peculiaridades de cada momento, aos modos de ver a vida, de problematizar a existência, de questionar o meio inserido, de organizar a convivência em sociedade.

Diante de tudo isso, é fundamental que a literatura seja trabalhada não com o rigor exigido nos vestibulares, mas como uma disciplina no processo de formação do aluno. Na convivência com ela o aluno descobre as múltiplas faces da linguagem e entra em contato com os diferentes aspectos da Língua Portuguesa.

Quanto a importância do ensino da literatura, Zinani e Santos (2002) dizem o seguinte:

Considerando a importância da literatura para a compreensão da realidade e o desenvolvimento do espírito crítico, acreditamos que o aluno, depois de ter realizado um efetivo estudo de obras literárias, provavelmente sairá dessa experiência com uma apreensão mais ampla do mundo circundante, mais sensibilizado para situações que o envolvem e mais preparado para atuar como elemento modificador de sua realidade. (ZINANI; SANTOS, 2002, p. 67).

Logo a formação de alunos leitores de textos literários é um grande desafio, maior ainda é trabalhar a literatura de forma tão importante quanto o ensino da língua portuguesa e matemática, isto exige do professor um grande

conhecimento do campo literário e prazer em ensinar a literatura. Ao desenvolvê-la na escola, em sala é submergir em um plano de subjetividade e fascinação, um lugar mágico onde o discente encontra a possibilidade de se descobrir, se reconhecer e se encontrar. Desta forma, a literatura passa a ser um convite à liberdade de expressão, onde os alunos podem exteriorizar emoções, descobrir e compreender as próprias emoções.

Enfim, todos os dados desta pesquisa comprovam os benefícios adquiridos quanto ao estudo de obras literárias, ou seja, é possível sim que os alunos percebam num enredo a injustiça social, miséria, fome, sede, desigualdade, realidade social, histórica, política e econômica, e os compare com os fatos ocorridos nos dias atuais. Partindo desse ponto, o aluno estará desenvolvendo seu aprendizado e obtendo conhecimentos necessários para tornar-se um cidadão crítico, além de estar adquirindo um maior domínio quanto à interpretação, à leitura, à escrita e à norma culta padrão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Roberta Monteiro. **Literatura de cordel: porque e para que trabalhar em sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Identidades, 2008.

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

AZEVEDO, Azevedo. **O cortiço**. 3. ed. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1979.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF, 1996.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem: textos de intervenção**. São Paulo: Duas cidades. 2002.

CANDIDO, Afrânio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: São Paulo: Editora Nacional, 2002.

CEREJA, Willian Roberto. **Ensino da literatura: uma proposta pedagógica dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

CHIAPPINI, Ligia. **Reinvenção da cathedral: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino**. São Paulo: Cortez, 2005.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MAGALHÃES, Belmira. **O ensino de Literatura e a interconexão entre**

representação literária e história: leitura. Maceió: Imprensa Universitária, 2005.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 48. ed. São Paulo: Record, 1982.

ROJO, Rosane. **O texto como unidade de ensino e o gênero como objeto de ensino da Língua Portuguesa**. 3. ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SACRISTÁN, José.Gimeno; GÓMEZ, Angel Perez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é literatura?**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004

ZILBERMAN, Regina. **Porque a leitura da literatura na escola**. 11. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

ZINANI, Cecul Jeanine Albert; SANTOS, Salette Rosa Pezzi. dos. **Ensino da literatura: lugar do texto literário**. 1. ed Caxias do Sul, RS: Educus, 2002.